

Campanha pega ritmo em Minas

Presidenciais miram tesouro de milhões de votos

Maurício Lara

BELO HORIZONTE — Exatamente às 9h05 de quarta-feira, no Aeroporto da Pampulha, nesta capital, o candidato do PDT, Leonel Brizola desembarcava de um jatinho e o do PT, Luís Inácio Lula da Silva, decolava em avião de carreira rumo a Ipatinga, no Vale do Aço. Naquele momento já chegavam ao aeroporto vários *tucanos* para aguardar o candidato do PSDB, Mário Covas, que chegaria logo depois. Sem saber que a poucos quilômetros dali, na Base Aérea de Lagoa Santa, Fernando Collor de Mello, do PRN, também pousava em solo mineiro, um desavisado passageiro comum perguntou:

— Que é isto? Um aeroporto de presidenciais?

Atrás da máxima de que a sucessão passa por Minas e com a falta de um líder político local capaz de arrebatar os cerca de dez milhões de votos do segundo maior colégio eleitoral do país, os candidatos à sucessão é que estão passando por Minas. E muito. “O mineiro está politicamente órfão. Como não existe uma congruência das lideranças, a política no estado está muito dilacerada”, analisa o diretor da Sensus Mercado e Opinião, cientista político Ricardo Guedes.

“A ausência de grandes lideranças como Juscelino Kubitschek, Tancredo Neves, Milton Campos ou Pedro Aleixo, que provocavam emoção, vai levar o mineiro a votar

mais com o raciocínio”, definiu o candidato a vice-presidente na chapa de Paulo Maluf, deputado federal Bonifácio Andrada, do PDS. “O mineiro vai votar sem os caciques, sem os currais eleitorais”, conclui o candidato do PDT, Leonel Brizola.

Disponíveis — “Os votos mineiros são os mais disponíveis”, afirma o candidato a vice do PL, o mineiro Aluizio Pimenta. O titular da chapa, Guilherme Afif Domingos, não esconde que o estado é o mais importante para sua campanha. Ele foi o primeiro a escolher um vice mineiro, já esteve no estado oito vezes em campanha e pretende visitar outras 14 cidades mineiras. “Estamos apostando na ausência de um cabeça de chapa de peso em Minas”, informou Pimenta.

O único candidato mineiro, Aureliano Chaves, do PFL, com todas as dificuldades que está enfrentando para a decolagem de sua campanha, adotou o *slogan De Minas para o Brasil*, e não tem praticamente saído do estado, desde que foi oficializado candidato do PFL. Em Teófilo Otoni, no Vale do Mucuri, Aureliano colocou sua candidatura “à decisão dos mineiros”.

“Quem não tiver uma votação expressiva em Minas, vai se dar mal”, define o secretário regional do PSDB, Antônio Faria. O candidato *tucano* esteve em sete cidades do interior e oito vezes em Belo Horizonte. “A previsão é dele vir quatro vezes por mês. Covas quer ser majoritário em Minas”, informou Faria. “O terreno para nós aqui é muito fértil”, acredita o presidente regional do PDT, José Maria Rabelo. Ele arrisca um número: Brizola quer 20% dos dez milhões de votos mineiros e para conseguir isto deve visitar o estado até três vezes por mês.

Para conseguir esta performance, Brizola sonhou também um vice mineiro e o alvo foi o ex-governador Hêlio Garcia, procurado “até por Paulo Maluf”, segundo disse. Entroncheado em sua fazenda de Santo Antônio do Amparo, Garcia foi cortejado também pelo candidato do PRN, Fernando Collor de Mello, que antes de disparar nas pesquisas, já estava de olho nos votos mineiros e definia o perfil de seu vice ideal: um mineiro, mais velho e com mais experiência política que ele. Descartado Garcia, o perfil se adaptou também ao outro mineiro escolhido por Collor: o senador Itamar Franco.

Embaló — Collor conseguiu em Minas outro apoio importante: a da vice-governadora Júnia Marise, que durante sua bem sucedida interinidade no governo de Minas, em maio, foi procurada, segundo disse, por todos os candidatos, à exceção de Lula. Júnia sempre argumentou que o grande número de candidatos paulistas (Covas, Maluf, Ulysses, Lula e Afif) dividia os votos de lá e fazia de Minas o maior colégio eleitoral. Ela não perdoou o PMDB por não incluir em sua chapa um nome mineiro (talvez o dela própria) e *collorui*.

Ulysses Guimarães faz amanhã um começo decisivo em Montes Claros, confiante na força da estrutura do PMDB no interior. “Temos condições de sermos majoritários, mas todos os candidatos vão querer cooptar os votos mineiros. Teremos que conviver com este quadro que está aí”, resigna-se o presidente regional do PMDB, Joaquim de Mello Freire. No embalo do sucesso da caminhada que fez em Belo Horizonte na terça-feira, o candidato do PT, Lula anunciou: “Vou disputar esses dez milhões de votos com unhas e dentes”.